

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Arquivo de São Paulo Class.: 15

Data 24 de março de 1985 Pg.: _____

O Xingu em cartaz

HERMANO PENNA

Desde as grandes confederações das guerras coloniais, nunca tantas nações indígenas haviam se reunido como naquele abril de 1984. O inimigo comum que conseguiu realizar tamanha façanha foi o Decreto 88.985/83 que, se aprovado, permitiria a exploração de minérios em terras indígenas. Nos últimos e melancólicos dias do governo Figueiredo, o ex-ministro César Cals conseguiu que o ex-presidente assinasse o decreto, numa cama de hospital, em meio a uma de suas crises de coluna — mas, mais tarde, presionado pela mobilização dos índios, o decreto foi revogado.

A "Invasão de Brasília" pelas tribos indígenas vindas de todas as partes do território nacional foi de tal ordem que tropas da Polícia Militar tiveram que ser convocadas às pressas para proteger os prédios da Funai e do Ministério do Interior, cercados pelos índios em pé de guerra. Ao lado das tradicionais coberturas jornalísticas realizadas pelas câmeras de televisão, o acontecimento foi também captado por duas câmeras de cinema e uma equipe, a nossa, contratadas pelos próprios índios. A diferença é sutil mas importante: nosso objetivo era fazer um filme com os índios e não sobre os índios. Essa diferença se instaura no momento em que eles próprios conseguiram os meios de produção e convidaram profissionais de cinema para sua realização. A União Nacional dos Índios (UNI) bancou a maior parte do projeto: cerca de 4 milhões de cruzeiros foram investidos na época e o restante do orçamento foi sendo levantado em instituições internacionais, como a "Oxfam International", uma associação



privada de antropólogos preocupados com a preservação das minorias étnicas em todo o mundo. Apenas os restantes 20% foram cobertos pela Embrafilme, sendo que a Fundação Pró-Memória responsabilizou-se pela revelação do material.

Inicialmente o filme deveria ficar restrito à "Invasão de Brasília", mas os incidentes ocorridos

entre os índios do Xingu, liderados pelo cacique Raoni — e que contribuíram para alertar o país sobre o estado de insurgência em que se encontravam as tribos indígenas contra a assinatura do decreto — deixaram bem claro que era impossível falar em resistência sem ir às áreas onde os índios viviam a explosiva situação que se traduzia em 22 conflitos armados simultâneos em todo o território nacional.

Pela circunstância de ter sido produzido pelos próprios índios, o filme — que vai se chamar "Aos Ventos do Futuro", numa alusão ao lema de Brasília — abandona o aspecto denúncia, comum à filmografia indígena brasileira, e busca mostrar a luta de resistência em todas suas manifestações — jurídica, política e até mesmo armada, seu último recurso. Além da documentação de fatos, de uma forma quase que jornalística, o filme utiliza outros recursos de narração. As últimas filmagens reconstituirão os episódios dramáticos vividos no Xingú, em abril de 1984. Nessas sequências, os índios representarão a si próprios; numa experiência inédita tanto para eles como para o cinema brasileiro.

Mais reveladora, contudo, é a circunstância de que num país onde as autoridades abandonaram o cinema à sua própria sorte, com ou sem Embrafilme, é justamente entre os próprios segmentos populares que desperta a consciência do que significa o cinema como instrumento de comunicação. ■